

Cobertura Florestal do Planeta

Restam hoje, em todo o planeta, apenas 22% da cobertura florestal original.

A Europa Ocidental perdeu 99,7% de suas florestas primárias;

A Ásia 94%,

A África, 92%;

A Oceania, 78%;

A Rússia, 71%;

A América do Norte, 66%,

E a América do Sul, 54%.

Dos remanescentes florestais primários, 48% estão concentrados nas zonas boreais, principalmente Canadá e Rússia -, e 44% na zona Tropical, a imensa maioria na Amazônia.

A Amazônia Brasileira representa perto de um terço das florestas tropicais remanescentes no planeta. Todos esses remanescentes florestais estão ameaçados pela ação antrópica, em particular pela indústria madeireira, conforme dados do World Resource Institute, do Estados Unidos.

As florestas tropicais contêm cerca de 50% da biodiversidade do planeta. A grande maioria do patrimônio ambiental das florestas tropicais é ainda desconhecida.

O pesquisador E.O. Wilson (Biodiversidade., ed. Nova Fronteira), estima entre 30 e 100 milhões o número de espécies animais e vegetais no Planeta. Dessas, apenas 1,4 milhões foram catalogados pela Ciência.

Para se ter uma idéia dessa riqueza ambiental, basta lembrar que em apenas um hectare de floresta perto de Manaus foram encontradas, segundo estudo citado pelo INPA, 236 espécies de árvores com mais de 5 cm de diâmetro.

No entanto, a destruição do patrimônio existente nas florestas tem sido feito de forma acelerada sem que tenhamos tempo de conhecê-lo e dele se beneficiar.

Cerca de 45% das florestas tropicais, que cobriam originalmente 14 milhões de km², desapareceram nas últimas décadas.

No caso da Amazônia Brasileira, o desmatamento da região, que até 1970 era de apenas 1%, saltou para quase 15% no ano passado.

Uma área do tamanho da França desmatada em apenas 30 anos.

O governo brasileiro tem um sistema eficiente de monitoramento por satélite do desmatamento na Amazônia. Lamentavelmente, esse sistema não consegue captar o impacto do corte seletivo resultante da atuação de milhares de madeireiros que operam na Amazônia longe do controle do Estado nacional.

Pesquisa do cientista Daniel Nepstad e outros, publicada recentemente na revista Nature, mostra que cerca de 15.000 km² de florestas da Amazônia brasileira foram desmatados ou afetados pela indústria madeireira apenas no ano de 1997.

Se somada aos números do INPE sobre desmatamento identificável, essa destruição seletiva eleva ao dobro a área de Floresta Amazônica destruída por ação antrópica a cada ano.

Sem considerar que a exploração sem controle e sem técnica reduz a cobertura florestal e aumenta a flâmabilidade da floresta. Lamentavelmente, existem poucos estudos sobre o impacto ambiental resultante dessa prática de corte seletivo.

O Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) mostrou, ao estudar a indústria madeireira do Pará, que o índice de perda no setor madeireiro chega a 70%, em decorrência de práticas predatórias, falta de qualificação de mão-de-obra e de conhecimento técnico, e uso de equipamentos obsoletos.

É conhecido o alarmante índice de ilegalidade do setor, reconhecido pelo próprio governo, que chegou a estimá-lo em 80%. Parte dessa ilegalidade se deve a condições sociais, legislação inadequada, burocracia, falta de estrutura dos órgãos encarregados de monitoramento e fiscalização.

Mas é flagrante a total falta de adesão de empresas e madeireiros a qualquer modelo destinado a regular a exploração, beneficiamento e comércio de produtos madeireiros.

O que vigora no setor ainda é, lamentavelmente, uma lógica desbravadora e predatória, de invasão de áreas virgens da floresta a qualquer custo. A grande maioria das empresas atuando no Amazonas, com as exceções de praxe, não dispõe de áreas próprias de exploração, abastecendo-se junto a intermediários que reproduzem, na aurora do Século XXI, os métodos arcaicos e socialmente injustos do aviamento vigente na Amazônia do Século XIX.

Poderosos, patrões da madeira atuam nas barbas da Lei, contando com a fragilidade do Estado para continuar a ganhar dinheiro à custa da miséria de ribeirinhos, da evasão de impostos e da destruição do patrimônio ambiental que é propriedade social e não privada.

Mesmo aqueles intermediários que têm áreas próprias pomposamente registradas no Ibama como Planos de Manejo Florestal Sustentável têm sido flagrados cometendo irregularidades.

Estima-se a produção total de madeira em tora na Amazônia brasileira em cerca de 30 milhões de m³ anuais. Nesse contexto, o Amazonas, com menos de 500 mil m³/ano, desempenha um papel ainda modesto no total.

Este é o estado mais bem preservado da Federação do ponto de vista ambiental e também o que tem o maior estoque de madeira, sujeito à cobiça de grandes empresas nacionais e internacionais.

Luiz Antonio Batista da Rocha –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental – rocha@mdbrasil.com.br – www.outorga.com.br – www.rochaoutorga.hpg.com.br